

**Os Morabitinos à Luz de uma Nova Investigação  
e de um Novo Achado**

por

Joaquim Ferraro Vaz

## Os Morabitanos à Luz de uma Nova Investigação e de um Novo Achado

○ tema *morabitanos*, embora muito velho e debatido, tem o condão de renascer como uma Fénix, em virtude de estar à mercê dos caprichos do azar que, inesperadamente, faz surgir do seio da Terra ou de tesouro ignorado, uma peça diferente das até então conhecidas.

À falta de documentos escritos, constrói-se o edifício da numária dos nossos primeiros reis com as peças de que se dispõe e preenchem-se as lacunas com hipóteses... E tudo isto se manterá enquanto novos achados não fornecerem peça insubmissa, que obrigue a nova arrumação capaz de a conter em boa harmonia.

O estudo dos morabitanos, feito num vazio de documentação escrita e apoiado apenas nas peças que surgem, faz lembrar o problema das célebres tábuas de S. Vicente onde as associações dos elementos poderiam ser diferentes, quer usando-os todos, quer admitindo sobrares ou faltarem tábuas. Aqui as peças dos Afonsos e dos Sanchos, semelhantes e sem número de ordem, confundem-se para dar que cismar aos numismatas que pretendem pôr a sua colecção em boa ordem.

É tudo uma questão de arrumação.

O numisma que acaba de aparecer <sup>(1)</sup> dá que pensar, porque não se acomoda bem nas classificações estabelecidas para a sua família; e esta dificuldade, associada a algumas deduções ocorridas ao estudar a moeda primitiva do Portugal nascente, conduziu-me a conclusões que julguei conveniente registar e submeter à apreciação dos numismólogos.

O novo morabitino, que se pode analisar na fotografia ampliada que apresento, tem as seguintes características:

- a) Legendas, onde se lê no anv. REGIS PORTVGALENSVM e no rev. MONETA DOMINI SANCII;
- b) Tipo e aspecto semelhante àquele que Aragão <sup>(2)</sup> atribui a D. Afonso II, sob o n.º 1;
- c) O peso é de 3,25 grs.;
- d) O módulo é de 23,5 mm;
- e) a cor do ouro é de um amarelo esbranquiçado, aproximando-se da cor do electrum.

A primeira análise comparativa das legendas e do peso leva a colocar este morabitino depois do referido n.º 1 de Afonso II (3,6 grs.). E, sendo assim, como pertence indubitavelmente a um dos Sanchos, tudo leva a crer que será de Sancho II.

---

<sup>(1)</sup> A informação que tenho localiza o achado na Quinta da Bela Vista, de Ferreira do Zêzere.

<sup>(2)</sup> A. C. Teixeira de Aragão, *Descrição Geral e Histórica das Moedas...*, tomo I, Lisboa, 1874-80.



Comecemos por estabelecer um quadro onde se ponham em confronto as características dos morabitanos conhecidos.

## QUADRO I

N.º	Morabitanos atribuídos a	Pesos		Legendas
		Máximos	Mínimos	
1	Afonso I	4,40	3,70	✠ REGIS PORTVGALENSIVN • MONETA DOMINI I AFNSI
2	Sancho I	3,82	3,75	✠ SANCIVS REX PORTVGALIS ✠ IN NE PTRIS IFILII SPS SCI A
3	Afonso II	3,75	3,70	✠ REGIS PORTVGALENSN • MONETA DOMINI ALFONSVN
4	Sancho II	3,60		✠ SANCIVS REX PORTVGALIS ✠ IN NE PTRIS IFILII SPS SCI A
5		3,25		REGIS PORTVGALENSVM • MONETA DOMINI SANCII
6	Afonso III	3,70	3,68	✠ REGIS PORTVGALENSIVN • MONETA DOMINI ALFONSI

- 1) *Morabitano de Braga*: o peso de 3,7 grs. corresponde ao exemplar descrito por Aragão, obra citada, tomo I, n.º 1 de Afonso I; e o exagerado peso de 4,4 grs. é o que J. Schulman atribui ao exemplar que estampa, sob o n.º 1, no catálogo de 1926 duma colecção de *Monnaies en or de Portugal et du Brésil* (Carvalho Monteiro) e que reproduzimos *in fine*.
- 2) Aragão, tomo I, n.º 1 de Sancho I; aparecendo em várias colecções.
- 3) *Ib.*, n.º 2 de Afonso I; e *Colecção «Carvalho Monteiro»*, n.º 2.
- 4) Pedro Batalha Reis, *Morabitanos Portugueses*, Lisboa, 1940.
- 5) Nova moeda de Sancho.
- 6) Aragão, tomo I, n.º 1 de Afonso II; e *Colecção «Carvalho Monteiro»*, n.º 5.

Teremos, então:

Para Afonso I — os *morabitinos de Braga*, de que nos fala Aragão e de que tenho notícia de dois exemplares, um com o peso de 3,7 e outro com 4,4 gr.;

Para Sancho I — os morabitinos mais vulgares, com a concordância da maioria dos autores, que têm pesos variando entre 3,85 e 3,7 grs.;

Para Afonso II — as moedas dos Afonsos de maior módulo (Aragão atribui-lhes as de menor), com pesos à volta de 3,7 grs.;

Para Sancho II — os morabitinos idênticos aos de Sancho I, de módulo levemente menor, pesando à volta de 3,6 <sup>(1)</sup>, e a nova peça agora aparecida, a pesar 3,25 grs.;

Finalmente, para Afonso III — os morabitinos dos Afonsos de menor módulo, que Aragão incluiu na numária do segundo Afonso, tendo pesos que se aproximam de 3,7 grs. <sup>(2)</sup>.

Examinando as moedas assim aproximadas ressaltam elementos de catalogação muito importantes, atendendo às legendas e aos pesos:

- 1.º — Quanto às legendas, nota-se imediatamente deslocado o célebre *morabitino de Braga* que, se não fosse apócrifo como é considerado, deveria ser colocado depois dos atribuídos ao primeiro Sancho;

---

<sup>(1)</sup> Pedro Batalha Reis, *Morabitinos Portugueses*, Lisboa, 1940.

<sup>(2)</sup> *Ib.*



2.º — Quanto aos pesos, baseando-nos no princípio da quebra sucessiva da moeda — neste caso, confirmado nas leis de Afonso III — seremos levados a pôr cronològicamente em último lugar a moeda de Sancho agora aparecida e que no Quadro I tem o n.º 5.

Do que acabo de dizer, pode concluir-se mais um argumento para rejeitar a atribuição do morabitino com letra B a Afonso I; e poderão distribuir-se as restantes peças, associando os n.ºs anteriores 2 e 4 sob Sancho I, os n.ºs 3 e 6 sob Afonso II e, por último, oferecendo o numisma recém-nascido a Sancho II.

## QUADRO II

N.ºs	Morabitinos de	Pesos		Legendas
		Máximos	Mínimos	
2 e 4	Sancho I	3,82	3,60	✠ SANCIVS REX PORTVGALIS ✠ IN NE PTRIS IFILII SPS SCI A
3 e 6	Afonso II	3,75	3,63	✠ REGIS PORTVGALENSIVN • MONETA DOMINI ALFONSI
5	Sancho II	3,25		REGIS PORTVGALENSVM • MONETA DOMINI SANCHI

Mas há mais em desfavor do *morabitino de Braga* (¹) e a favor da classificação deste segundo quadro.

Bastará observar o que se passa nos reinos cristãos da Península Ibérica com a moeda de ouro, para logo sermos tentados a assentar que

(¹) Principalmente no que diz respeito à sua atribuição ao primeiro Afonso.

a legenda do morabitino atribuído a D. Sancho I (n.º 2 do Quadro I) deverá corresponder aos primeiros morabitinos cunhados em Portugal.

Deixando de parte o *dinar* bilingue (*fig. a*) atribuído ao conde de Barcelona, Berenguer Ramon I (1018-1035) e referido por Aragão na sua magistral obra <sup>(1)</sup>, lembremos as primeiras cunhagens de ouro nos reinos vizinhos.

*Em Castela* — Aparecem com Afonso VIII (1158-1212) as primeiras moedas de ouro, com as iniciais do monarca em caracteres latinos e as legendas em linguagem árabe, onde se lê *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo* (*fig. b*).

*Em Leão* — Com Fernando II (1157-1188) ou, na dúvida, Afonso IX (1188-1230) iniciou-se a cunhagem da moeda de ouro com os maravedis de legenda vertida em latim «IN NE PATRIS IFILI ISPS SCI» (*figs. c e d*).

Citarei ainda, mais a título de informação do que de base segura, um *dinar* de ouro atribuído a Luís IX de França, que teria sido batido em Saint-Jean d'Acre, nos fins da sua primeira cruzada (depois de 1250), por ostentar a mesma fórmula na legenda árabe — *O Pai, o Filho e o Espírito Santo* (*fig. e*).

Em moedas posteriores já não se repete esta expressão consagrada, que é substituída por outras muito parecidas às que se vêem na moeda nacional primeva que não é atribuível a Sancho I.

Não será, portanto, descabido concluir que devem ser as moedas de Sancho com a legenda IN NE PTRIS IFILII SPS SCIA as primeiras cunhadas em Portugal... enquanto não aparecerem outras com características que permitam uma convincente arrumação na numária do Rei Fundador.

---

<sup>(1)</sup> Tomo I, pág. 27, nota 4. V. também *Colecção «Camilo G. de Castro»*, n.º 911 do Catálogo J. Schulman, de 1912.



Feito este primeiro estudo de comparação, vamos tentar ver o que se passa com estas moedas quando as aproximamos da primeira lei conhecida que a elas se refere, a lei de Afonso III, de 26 de Dezembro de 1253.

Nesta lei interessantíssima, onde perante uma manifesta alta de preços se fixa um *tabelamento* dos artigos de consumo da época, podemos tomar conhecimento do valor dos metais nobres e das moedas de ouro que então corriam.

Ao tratar do valor de moedas, estabelece a lei:

«Morabitus novus» .....	valem 22 soldos
«Morabitus vetus» .....	» 27 »
«Morabitus alfonsinus» .....	» 30 »
«Quadratus de auro» .....	» 45 »

Aqui farei um parêntesis para, antes de ir mais longe, dizer alguma coisa acerca de títulos de moedas antigas e dar a principal razão de vir falar de morabitos e roubar precioso tempo com coisas que todos conhecem bem, por terem sido tratadas magistralmente por numismógrafos de reconhecida competência.

É corrente atribuir-se às moedas antigas e, em especial, às portuguesas da primeira dinastia um título da ordem de  $23 \frac{3}{4}$ , que corresponde praticamente ao ouro puro <sup>(1)</sup>. Ora isto não está em boa concordância com a verdade dos factos, como é natural e como veremos.

Levado pela lógica, comecei por desconfiar dessas moedas de 23 quilates e  $\frac{3}{4}$ ... porque não podia compreender onde se iria conseguir, em épocas remotas, tão fácil e vulgarmente esse ouro puro; ou como se

---

<sup>(1)</sup> Como é sabido, o toque em quilates é o número de unidades de ouro fino que entra em 24 unidades-peso da liga.



poderia afinar o ouro quando se adquirisse ligado com a prata e com o cobre, como ele aparece geralmente.

Na verdade, o metal nobre, vindo dos jazigos, aparece com maior ou menor percentagem de prata (incluindo por vezes outros metais); e só raríssimas minas fornecem ouro quase puro, com toque à volta dos 23 quilates.

Normalmente o ouro nativo tem bastante liga, chegando a ter um título de 15 quilates e menos; enquanto o ouro fino tem uma densidade igual a 19,258, no ouro nativo a densidade anda à volta de 14,8.

Os antigos, para o ensaio do ouro, só dispunham da pedra de toque sem auxílio dos ácidos. Era uma análise que se limitava à observação da cor para inferir das quantidades de ouro, prata e cobre.

Ora essa análise de comparação de cores, além de precária, necessitava padrões perfeitos... e os antigos recebiam o ouro como a natureza lho dava.

Voltemos aos morabitanos.

No Portugal que nascia e se dilatava a golpes de montante dos primeiros Afonsos e dos Sanchos, a principal origem do ouro seria a moeda árabe, que ia substituindo as anteriores moedas, ainda muito apreciadas, de Visigodos e Romanos. Só mais tarde, com a fixação das conquistas além-Tejo, se iria buscar ouro às célebres minas da Adiça.

Haverá portanto de se estudar o outro na sua origem, isto é, nessas moedas que predominavam, para ajuizar do título que provavelmente adviria para a moeda portuguesa.

Mas, depois de partir de tal ouro adquirido, ainda seria natural que alguma liga se lhe juntasse para aumentar os réditos do erário real. E isto pode-se inferir da referida lei de 1253, onde os valores atribuídos às diversas moedas se não harmonizam com os seus pesos, se admitirmos a mesma liga para todas, como se poderá verificar a seguir.

Se partirmos da identificação do «quadratus de auro» com a *dobra mourisca*, do valor de 45 soldos e do peso de 4,80 grs., resultam números muito afastados da lei para qualquer das outras designações.

### QUADRO III

Moedas citadas na lei (correspondências)	Valores da lei (soldos)	Pesos das moedas (gramas)	Valores relativos fixando 45 soldos para a dobra mourisca
MORAB. NOVVIS (Sancho II) .....	22	3,25	30,5
MORAB. VETVS (Afonso II) .....	27	3,70	34,7
MORAB. ALFONS. (Afonso VIII e Sancho I)	30	3,82	35,8
QUADRATVS ( <i>dobras mouriscas</i> ) .....	45	4,80	45

Não há forma de harmonizar, como de resto já foi notado pelos mestres, pesos e valores para as possíveis identificações entre as moedas citadas e as conhecidas.

Mas, diz mais a lei de 1253 que a onça de ouro vale 11 libras, ou sejam 220 soldos. Ora, a este preço de ouro corresponde o valor atribuído aos «morabitus alfonsinus» — possivelmente os morabitos de Afonso VIII de Castela e os de Sancho I — porque partindo do seu peso, 3,82 grs., verifica-se que numa onça cabem 7,5 morabitos e, assim, para cada morabito virá o valor de 29,3 soldos,

$$\frac{28,69 \text{ (onça)}}{3,82} = 7,5$$

$$\frac{220 \text{ soldos}}{7,5} = 29,3$$

o que concorda com os 30 soldos estabelecidos na lei, demais que alguma coisa deveria ficar para trabalho e senhoreagem.



Por outro lado, de um estudo que fiz dos títulos de alguns exemplares das moedas que estou tratando, obtive números que vieram confirmar o que a lógica impunha.

Estes números obtidos, em aproximação razoável, são do seguinte teor:

SANCHO I (2 morabitinos do tipo n.º 2 do Quadro I)

	Título máximo, admitindo liga de cobre	830 ‰
1)	Título mínimo, admitindo liga de prata (morabitino do tipo n.º 4 do Quadro I)	760 ‰
	Título máximo .....	835 ‰
2)	Título mínimo .....	765 ‰

AFONSO II (morabitino do tipo n.º 3 do Quadro I)

	Título máximo .....	760 ‰
3)	Título mínimo .....	660 ‰
	(morabitino do tipo n.º 6 do Quadro I)	
	Título máximo .....	700 ‰
4)	Título mínimo .....	580 ‰

SANCHO II (morabitino novo, n.º 5 do Quadro I)

	Título máximo .....	740 ‰
5)	Título mínimo .....	630 ‰

---

1) 2 morabitinos da minha colecção.

2) Módulo pequeno; do Museu Numismático Português e proveniente da *Colecção «Guinle»*.

3) Módulo maior; do Museu Numismático Português.

4) Módulo menor; *idem*.

5) O novo morabitino, descrito ultimamente em *A Moeda* n.ºs 63-64.

ABDELUÁHIDE II (dobra mourisca)

	Título máximo .....	980 ‰
6)	Título mínimo .....	970 ‰

Antes de prosseguir, será conveniente confessar que a determinação dos títulos do ouro das 6 moedas submetidas a estudo foi feita a partir das suas densidades, o que é um trabalho de resultados precários. Além do conhecido fenómeno da anomalia de densidades das ligas, o trabalho foi feito com desconhecimento das proporções em que na liga se encontrariam a prata e o cobre <sup>(1)</sup>.

Como é óbvio, não pude submeter essas moedas de alto valor estimativo nem a ensaios químicos nem ao simples toque na pedra. Contudo, para me assegurar melhor da aproximação dos resultados obtidos, tratei duas moedas modernas (com pesos aproximados) de título conhecido e de cores diferentes — uma acusando mais prata e outra mais cobre — pelo mesmo processo das densidades e, em paralelo, pelos processos do toque e da análise química.

Embora os resultados fossem animadores, em qualquer caso todos os números são aproximados e necessitam de confirmação pelo estudo de mais morabitinos de Sancho I e de mais exemplares das outras moedas, o que será possível visto existirem nos museus públicos e em colecções particulares.

Os valores especificados na lei de 1253 nunca poderão ir além de valores médios, de aproximação relativa à dificuldade de se fazerem

---

6) Do Museu Numismático Português; descrito, sob o n.º 158, em *Moedas Arabes*, Joaquim Figanier, Lisboa, 1949; peso 4,64 grs.

<sup>(1)</sup> Razão porque calculei os valores extremos, que correspondem a tomar para a liga só o cobre ou só a prata.



boas determinações metrológicas em época tão recuada e, por isso, não será necessário fazer análises de grande rigor.

Com os elementos acima tentei, então, harmonizar as moedas conhecidas com os valores fornecidos pela lei de 1253.

Tomando para os mui conhecidos morabitanos de Sancho I o título de 800 ‰ (o que será razoável), e fixando 3,82 grs. para peso e 30 soldos para valor, calculei o seu ouro fino e o que corresponderia a cada um dos valores atribuídos às outras moedas e, daqui, deduzi os títulos que produziriam os pesos que na realidade têm.

#### QUADRO IV

Moedas	Valores dados na lei	Pesos das moedas (grs.)	Ouro fino (grs.)	TÍTULOS	
				Calculados	Verificados
MORAB. NOVVS (Sancho II) .....	22	3,25	2,2	680	740-630
MORAB. VETVS (Afonso II) .....	27	3,70	2,7	730	760-580
MORAB. ALFONS. (Sancho I) ....	30	3,82	3,0	800	835-760
QUADRATVS ( <i>dobras</i> ) .....	45	4,80	4,5	937	980-970

Desta forma, teòricamente, obtive um título para cada espécie de moeda aproximado daquele que tinha encontrado pela análise das densidades (<sup>1</sup>).

(<sup>1</sup>) Quando da minha comunicação de 13 de Março de 1951, só tinha conseguido estudar 2 moedas de Sancho I (módulo grande) e o novo morabítimo de Sancho II e, por isso, nesta altura, disse: «Tudo me leva a crer que as outras moedas, que me não foi possível estudar, se comportarão de igual modo, isto é, tenham título que se harmonize com o que foi deduzido teòricamente». E assim aconteceu.

Como resultado do que fica exposto, sou conduzido a uma classificação dessas nobres e belas moedas de ouro dos primeiros reis da Dinastia Afonsina (já posta em relevo no Quadro II) e, embora reconhecendo que o edifício leva muito material hipótese, submeto-o à esclarecida consideração dos entendidos com prévio pedido de benevolência.

A identificação das moedas referidas na Lei de 1253, em face das peças conhecidas, poderá agora ser:

- «Morabitus novus» — os morabitos de Sancho II (de conhecimento recente);
- «Morabitus vetus» — os morabitos de Afonso II;
- «Morabitus alfonsinus» — os morabitos de Afonso VIII (Castela) e de Sancho I;
- «Quadratus de auro» — as dobras mouriscas.

Finalmente, pondo em equação os dois novos elementos tratados — a pequena moeda de Sancho e o título do ouro amoedado — a classificação dos morabitos conhecidos será distribuída por Sancho I, Afonso II e Sancho II, da seguinte forma:

SANCHO I (1185-1212) — morabitos com as legendas, mais ou menos completas,

(anv.) SANCIVS REX PORTVGALIS e

(rev.) IN NE PTRIS IFILII SPS SCI A,

sendo colocados, cronologicamente, primeiro os de maiores módulos e pesos (*figs. 2 e 4*);

AFONSO II (1212-1223) — morabitos com as legendas

(anv.) REGIS PORTVGALENSIVN e

(rev.) MONETA DOMINI ALFONSI,

começando pelos de maiores pesos e módulos (*figs. 3 e 6*);



SANCHO II (1223-1248) — morabitanos com as legendas  
(anv.) REGIS PORTVGALENSVM e  
(rev.) MONETA DOMINI SANCII (*fig. 5*).

D. Afonso III não teria cunhado moeda de ouro, embora não haja razão formal para aniquilar a hipótese de o ter feito ao iniciar o seu governo, como acto de política de atracção, para logo ter de desistir de tal intento.

No caso afirmativo, das moedas conhecidas, só os pequenos morabitanos dos Afonsos, n.º 6 do Quadro I, poderiam corresponder a Afonso III; e, como têm um peso tendendo para 3,7 necessitariam ter um título aproximado de 600 ‰ para o seu valor corresponder ao dos «morabitanus novus» — 22 soldos.

Realmente, o título que encontrei para um dos morabitanos que têm o n.º 6 do Quadro I (n.º 4 da página 22) pode autorizar a admitir a hipótese de pertencer a Afonso III, tanto mais que se poderão colher como argumentos favoráveis o diminuto módulo (24,5 mm.) e a deslocação da cruz entre os ângulos superiores das quinas, no reverso, como se vê nas *figuras 3 e 6*. Contudo, examinando com atenção o detalhe de gravura, notar-se-á que este morabitano de pequeno módulo, lavrado em nome de Afonso, tem mais afinidades com o de maior módulo, também de Afonso, do que com o novo morabitano de Sancho.

Além disso, com uma herança de morabitanos já tão reduzidos no peso e no título, poucas possibilidades restavam a Afonso III para continuar o lavramento de tal moeda de ouro em época em que o nobre metal valia cada vez mais e dentro de um ambiente de compromissos tomados antes e depois de assumir a governação do reino de seu irmão Sancho.

Para não faltar ao prometido, pelo menos na aparência, ficava-lhe o recurso de mudar de sistema monetário... o que só veio a ser realizado mais tarde no reinado de Fernando I ou, possivelmente, ainda em tempos do rei justiceiro.

Afonso III não foi além de mudar o sistema de contagem, introduzindo a libra, moeda de conta de valor elevado que se harmonizava e impunha com a desvalorização do soldo.



*Morabitino de Braga*